

Governo dos EUA aprova documento dos Quatro

Advertindo que não há solução mágica que sirva para todos os países, o secretário do Tesouro Donald Regan, disse ontem, numa entrevista a correspondentes estrangeiros, que os Estados Unidos receberam bem a decisão de Brasil, México, Argentina e Colômbia de somarem esforços para resolver a questão da dívida externa e que não considera sua iniciativa "nenhum tipo de cartel dos devedores".

O que obviamente estão tentando fazer é encontrar uma solução que vá além da solução de prazo mais curto a que chegaram nas negociações de reescalonamento com o FMI e os bancos comerciais. Eles (esses quatro países) estão tentando ver se há uma solução de longo prazo. Se eles têm essa solução ou forem capazes de apresentar quaisquer sugestões nesse sentido, estariam mais do que dispostos a discuti-las com eles, afirmou Regan.

Mas, logo em seguida, Regan afirmou que muitas nações, como a Turquia e a Coreia do Sul, foram capazes de administrar facilmente os problemas oriundos de sua dívida externa e que "não há uma panacéia geral, uma solução única para os problemas de todos". Cada caso tem de ser examinado separadamente, acrescentou.

Se houvesse uma solução mágica, nós a receberíamos de bom grado. Mas não conheço nenhuma — disse o duro e franco secretário do Tesouro.

Regan revelou que o presidente do México, Miguel de la Madrid, num recente encontro com Ronald Reagan na Casa Branca, havia-lhe solicitado que levasse as propostas dos latino-americanos à reunião de cúpula dos líderes das sete principais nações industrializadas do Ocidente, que se realiza de 7 a 9 de junho, em Londres. Reagan garantiu a de la Madrid que faria isso.

Ao responder à pergunta sobre o desejo dos países latino-americanos de que se encontre uma solução política para a crise da dívida, Regan afirmou que o governo dos Estados Unidos controla o sis-

tema bancário, mas não os bancos, que são privados. "Claro que somos parte interessada e tentaremos contribuir para que se encontre uma solução, mas não podemos forçar os bancos", disse.

Para o secretário do Tesouro, os banqueiros são pessoas razoáveis e não os monstros das caricaturas dos jornais. Eles não querem permanecer numa situação difícil, sem resposta, disse. Se as nações atingidas pela dívida tiverem vontade política, se executarem os programas do FMI, aí os bancos encontrão uma solução, comentou, acrescentando: "Eles estão ansiosos por chegar a um acordo".

Referindo-se especificamente a Argentina, Regan disse que se o governo Alfonsín não chegar a um acordo com o FMI até o final do segundo trimestre (30 de junho) e aí não puder pagar os juros aos bancos antes do encerramento do prazo legal de 90 dias para os atrasos — o que obrigaría os bancos a absorver perdas — "os bancos terão de resolver o problema da melhor maneira que puderem". Repetiu que os Estados Unidos não concederão empréstimo-ponte de 300 milhões de dólares a Argentina sem que chegue a um acordo com o Fundo. O dinheiro seria usado para pagar Brasil, Venezuela, México e Colômbia, que adiantaram esses recursos a Argentina. O pagamento já está atrasado, como se previa, mas Regan disse que não havia limite de tempo para isso.

Teto para os juros

Sobre as propostas de que se estabeleça um teto para a cobrança de juros dos países devedores, Regan disse que não há nada de novo nisso, mas que não é uma fórmula mágica. Entretanto, condenou as propostas por não conterem pormenores de que como seriam aplicadas e para quem. "O que aconteceria?", perguntou, "se as taxas de juros do mercado ficassem abaixo do teto? O que se faria com as despesas das instituições credoras que não são cobertas pelo teto?" Quando lhe foi perguntado se

tinha uma fórmula completa, Regan provocou risos ao responder: "Eu não. Não estou emprestando a ninguém. Estou tomando emprestado para os Estados Unidos, e muito".

Depois afirmou que não receberia bem a idéia do teto para o Tesouro, "porque implica controle de preços, o que contraria a sua filosofia de mercado".

Contudo, um de seus principais assessores, o subsecretário do Tesouro para Assuntos Monetários, Beryl Sprinkel, disse algumas horas antes ser "de fato apropriado que tomadores e credores trabalhem para encontrar processos inovadores", no sentido de aliviar a situação dos países endividados.

Tanto a entrevista de Regan como a de Sprinkel tinham por objetivo relatar os preparativos para a Décima Reunião de Cúpula Econômica dos Industrializados, mas acabaram sendo dominadas por outros assuntos.

De qualquer maneira, Sprinkel disse que a questão da dívida externa será um dos principais tópicos do encontro e que os presidentes deverão reafirmar a estratégia que adotaram para lidar com o problema na reunião de cúpula do ano passado em Williamsburg. Essa estratégia continha cinco pontos: 1) ajustamento pelos países endividados; 2) recursos adicionais para o FMI (o que já foi cumprido); 3) continuação dos empréstimos bancários para esses países, embora em proporções menores; 4) empréstimos-ponte oficiais, quando necessários e desejáveis, e 5) estímulo da recuperação nos países da OCDE.

Sprinkel disse que essa estratégia evitou o aprofundamento da crise, mas que é adaptável. Ela pode ser reforçada, observou, pela decisão dos países industrializados de manter seus mercados abertos e por providências que as nações em desenvolvimento tomem no sentido de melhorar o clima para os investimentos estrangeiros.

A.M. Pimenta Neves, de Washington.